

*José Valdivino de Carvalho*

O mundo emerge, por força do espírito, do pesadelo cruel de uma guerra crudelíssima.

Tanto sangue, tanto suor e tanta lágrima argamassaram o padecimento da humanidade com pedaços amargos.

Urge apelar para algo superior, acima de paixões e enganos, que melhor é viver na harmonia fraternal.

Tal clima o homem inteligente vai formar no pensamento da paz, em que se alicerçarão interesses econômicos, políticos e sociais.

Já é oportuno que esqueçamos os conflitos e construamos o edifício da concórdia entre os homens.

Tenho que a palavra construtora de uma literatura, de braços com sólida cultura, pode trazer para o homem moderno dias de relativa felicidade, essa felicidade de acordo com a marcha da civilização.

Mas uma cousa é imprescindível: fé. Fé nos planos divinos, fé no concerto do mundo dirigido por Deus.

Sempre eu via, na Academia Cearense de Letras, um templo de pensamento, de trabalhos contínuos, em prol de todo movimento que significasse ilustração.

Dois tipos humanos me significam bastante: o sr. Barão de Studart e o professor Joaquim Alves.

O primeiro — uma espécie de Frederico Ozanã, no Ceará, beneditino da História, cientista e cristão, Patrono desta Cadeira onde me vou sentar. Joaquim Alves é o segundo, aquele tipo humano que toda a intelectualidade cearense co-

nheceu. Seu livro *Nas Fronteiras do Nordeste* deu-lhe o renome que o pôs na evidência dos grandes acadêmicos.

Agora, nesta noite da festa da Assunção, pelas mãos amigas e nobres de Raimundo Girão, que me armaram cavaleiro da ilustre Dama, a Literatura, aqui estou eu, no meu batismo de acadêmico. Professor de ginásio, ambientado, pelos janeiros, ao convívio diário com a mocidade, mais agora me esforçarei junto a ela, depositando-lhes na alma essa mística sublime do gosto literário.

Nesta grande Companhia, que o espírito clarividente de Dolor Barreira dirige, tentarei ser fiel, de boa vontade, às ordens de sua lei.

Porque a vivência literária, aliada à científica, quando esta implica num senso de arte, é um trabalho de vida, que não é infenso à mocidade.

O Ceará sempre foi, através de seus filhos, um núcleo de intelectuais atuantes e eficientes no clima literário do Brasil.

Por isso é que volto às figuras saudosas de Guilherme Studart e meu colega Joaquim Alves, tipos-modelo de amor aos livros, às indagações, que enriquecem o pensamento.

De um, recordo a figura veneranda, sob o peso dos anos, respeitado na sua fidalguia e no seu saber. Do outro, a modestia e a abertura de coração, que se traduzia na gargalhada característica, nos trabalhos de pesquisa sociológica.

Mas, nesta ocasião, Senhores Acadêmicos, de tão alto valor para mim, ajoelha-se minha alma diante desse tipo humano de valiosos méritos — Juvenal de Carvalho — que me acompanha e nutre, desde meu tempo de criança, agradecendo-lhe, comovido, as oportunidades que me tem proporcionado, no mundo da instrução e que me dão, agora, honra tão grande.